



'USSA' é um dos filmes da cineasta que estão na mostra que começa hoje

CCBB exhibe 'diários' de Vivian Ostrovsky

Jaime Biaggio

Todo mundo agora deu para gostar de cinema independente, contanto que os filmes em questão tenham nomes famosos no elenco e sejam fáceis de achar nas locadoras de vídeo. Os filmes de Vivian Ostrovsky não têm nada a ver com os independentes-que-são-in. A cineasta, homenageada com uma mostra no CCBB de hoje a domingo, filma com o suporte da força de vontade. Seus trabalhos são quase sempre documentários construídos na hora, de acordo com o que vai se passando naturalmente diante da câmera. "Prefiro deixar as imagens montarem a história", diz.

Dos 12 filmes rodados pela cineasta, oito fazem parte da mostra do CCBB, sendo que o mais recente, "Uta makura", uma série de observações soltas da vida no Japão, está na seleção dos festivais de Londres e Lucerna, já em andamento. O "modus operandi" e as convicções de Vivian não poderiam ser mais alternativos: ela trabalha com câmeras de super-8, não dá bola para roteiros e adota o formato curta-metragem por opção. "Essa idéia de que o curta é um bom treinamento para um longa não tem nada a ver com o meu trabalho", conta, "trabalho com curta porque acho que dá para contar muita coisa nesse formato. Curtas são como contos".

Nascida em Nova York, Vivian

Ostrovsky vive hoje na França, trabalha com a Cinemateca de Jerusalém - "basicamente, com filmes de comercialização mais difícil" - e mantém um apartamento na Avenida Atlântica, onde rodou "Copacabana Beach", abordando os velhinhos que passam desferrujando as pernas, as partidas de futebol na areia e os turistas "morgando" no sol. "Meus filmes são bem soltos, a montagem não é linear, mas são de fácil compreensão".

A cineasta admite que seus filmes não se enquadram em qualquer formato reconhecível. "Uso técnicas experimentais, mas não os chamaria de filmes experimentais. Também não seguem padrões de documentário, embora o sejam para mim", ela tenta explicar, "eu os chamo de diários filmados, mas não têm cronologia, então também não são diários". Tanto hermetismo começou a surgir em Paris, quando Vivian estudava na Sorbonne e tomou contato com o cinema de Kurosawa, Ozu, Truffaut, Rohmer etc. Antes disso, admite que "assistia filmes de Rock Hudson". Hoje, a diretora gosta de filmes iranianos, "alguma coisa do cinema português" e do trabalho do finlandês Aki Kaurismäki, e está decepcionada com gente como Wim Wenders, Stephen Frears e Milos Forman. "Eles já fizeram filmes bem mais interessantes", opina.